AURORA OBREIRA
REVISTA Nº 46
ANO 4 - 2015
JANEIRO
EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!
O GOVERNO
NÃO SE
PREOCUPA!
SOMENTE NOSSA
GENTE AJUDA PESSOAS,
UMAS AS OUTRAS!
ANARKIO.NET

EDITORIAL

MOVIMENTO ANARQUISTA BRASILEIRO

Pelo anarquismo se realiza em todo o país inúmeros eventos, muitos de forma isolada e outros tentando passar a barreira de desconfiança que cada grupo tem em relação a outros grupos. Isso é desgastante, desperdiça nossos poucos recursos.

Muitos grupos se formam isoladamente, criando estruturas que ignoram ou não reconhecem outras organizações que poderiam ser consideradas irmãs.

Muitas dessas organizações além de não aceitar ou ignorar as demais organizações, ainda ferem os princípios do anarquismo ao se

aliarem com traidores históricos como os marxistas, trotskistas, partidos em geral (tanto faz o lado) e com centrais sindicais reformistas (CONLUTAS, Intersindical etc). E formam tais frentes populares e alianças com os inimigos, mas não procuram os grupos "irmãos". Por que será?

Qual o medo de dialogar com grupos anarquistas que não se aliam com inimigos e produzem ação direta, autogestão, socialismo libertário de forma coerente com o anarquismo teórico e prático de gerações de pessoas revolucionárias?

Mas no Anarquismo se deve ultrapassar esta barreira de isolamento que torna os grupos, pessoas e organizações anarquistas vulneráveis aos ataques de nossos inimigos (patrões, partidos e pátria). E devemos resgatar o conceito de solidariedade e apoio mútuo entre nós. Devemos somar nossas experiências diferentes, dentro sempre da coerência libertária.

Unir experiências de diferentes áreas de atuação do Anarquismo é um processo de seu fortalecimento como força revolucionária apta a transformar a sociedade e as pessoas em moldes de liberdade e justiça, tão impossíveis nos modelos sociais atuais.

Nossa luta, não pode ser nos moldes que o sistema permite, mas em rompimento com toda os vícios políticos e econômicos que tornam a sociedade humana um pesadelo para a grande população explorada e oprimida de nosso mundo, que sustenta alguns milhões de pessoas vagabundas, embusteiras, ladras bem vestidas nos Estados, nos partidos, nas igrejas, nas instituições que criam para legitima-las.

Anarquismo unido é um importante passo para dura luta de emancipação das pessoas oprimidas e exploradas.

Pessoas organizadas, lutam!

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

AURORA OBREIRA

Número 46 - Janeiro 2015. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Artista Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Leticia Penteado
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 15

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

Uma Defesa Anarquista da Pornografia

Por Boston Anarchist Drinking Brigade

Produzido em linguagem neutra

A pornografia continua a ser um assunto controverso, inclusive entre as pessoas anarquistas, onde se esperaria estarem entre as mais fortes apoiadoras da expressão sexual livre. No entanto, muitas pessoas anarquistas criticam a pornografia e algumas têm apoiado e ou participado do movimento antipornografia, cujas pessoas participantes não raro se esforçam para impedir as aquelas pessoas que desejam ver pornografia de fazê-lo. Algumas pessoas anarquistas no Canadá foram mesmo ao ponto de incendiar uma loja de vídeos eróticos, uma atividade que muitas outras pessoas anarquistas ignoram ou não escolhem criticar. Enquanto isso, aquelas pessoas de nós que defendem a pornografia e a liberdade de expressão, sexual ou de outra forma, são julgadas como sexistas reacionárias. Por que é que as pessoas amantes da liberdade e da libertação sexual parecem se esquecer de seus princípios quando se trata de literatura e imagens de sexo explícitas?

O movimento antipornografia, incluindo pessoas participantes e apoiadoras anarquistas, não é monolítica. Algumas não gostam dos livros sujos e filmes, mas respeitam a liberdade das pessoas para produzir e consumir tal material. Essas pessoas confiam na discussão e no protesto como uma tentativa de mudar as atitudes daquelas pessoas que gostam de pornografia, incentivando-as a abster de consumir materiais pornô, mas

sem os meios da censura. Outras, ainda, incluindo algumas pessoas anarquistas, sentem que ataques físicos as lojas pornográficas ou que a censura imposta pelo governo são táticas aceitáveis na luta contra a pornografia. Enquanto apenas a última situação é censura, logo, portanto, não anarquista, a posição anterior, que é o desprezo com as representações de sexo também é problemática em um movimento que supostamente favorece a liberdade sexual.

A pornografia é simplesmente uma representação, em palavras ou imagens, de atividade sexual. A maioria das pessoas acha que um bom sexo, atividade prazerosa e vendo pornografia despertaria sexualmente muitas pessoas, para as pessoas anti-porno dizem frequentemente que as imagens de mulheres na pornografia são degradantes e ofensivas às mulheres. No entanto, enquanto algumas mulheres certamente se ofendem com imagens pornográficas, acham degradante, que outras mulheres desfrutem da pornografia. (Veja, por exemplo, o livro Caugth Loonking por Kate Ellis, ou, Writing Sado-Masochistic Pornography: A Woman's Defence por Deborah Ryder) Enquanto o movimento anti-porno vê as mulheres como uma classe, que partilham os mesmos objetivos e desejos, as mulheres não são uma massa de autômatos que todas pensam e sentem da mesma forma; algumas são pró-pornô e algumas são anti-pornografia, assim como qualquer ser. Além disso, as imagens de mulheres em pornô não mais sexista e degradante para as mulheres do que as imagens de mulheres na maior parte da literatura e meios de comunicação visual, das novelas e filmes para TV e nos anúncios em revistas. Em uma sociedade machista, a maioria das imagens de mulheres contém, pelo menos, algumas das atitudes sexistas comuns a homens e mulheres. Além disso, em parte da pornografia há personagens mulheres que são muito independentes, auto-motivadas e preocupadas com seu próprio prazer, especialmente em S/M (Sado/Masoquismo) pornô em que as mulheres estão frequentemente no topo. O que incomoda essas pessoas não é a imagem da mulher na pornografia, que é como em outros lugares na sociedade, mas a sua explicitação sexual; as pessoas se sentem desconfortáveis com o sexo.

Ativistas anti-pornográficos também afirmam que a pornografia, com a sua vista supostamente degradantes de mulheres é responsável pelas atitudes e ações dos homens em relação às mulheres e, portanto, difere de outras formas de expressão. Mas, como acontece com outros tipos de escrita e imagens, pornografia em geral, mostra o que as pessoas que querem ver de forma confortável; não plantam ideias estrangeiras na

mente das pessoas. E, mesmo nos poucos casos em que novas ideias são introduzidas para as pessoas em pornô, eles permanecem apenas isso, ideias. Os homens não estupram, ou batem nas mulheres porque passou em um filme. Sexismo, estupro e espancamento de mulheres por suas pessoas parceiras existiam muito antes da ampla divulgação de pornografia moderna, e as sociedades com pouca ou nenhuma pornografia não são menos machistas e violentas do que aquelas onde o pornô é comum.

Há alegação de que os homens são violentos com a pornografia, além de ser imprecisa, também é baseada em um mito; que a maioria da pornografia é violenta. A maioria pornô é composto por representações não-violentas, consensuais, sexo mutuamente prazeroso. Algumas delas também contém sexo S/M, que ao mesmo tempo inclui as aparelhos violentos, e que envolve (uma aparente) dor, também é consensual e mutuamente prazeroso. Há certamente alguns pornôs que retrata o estupro ou outra forma de coerção, sexo violento, mas é uma pequena parte da pornografia produzida e consumida. Além disso, como filmes e livros violentos não-pornográficos, é simplesmente uma representação de uma fantasia, feita pela pessoa autora, ou realizada por consentimento das pessoas atoras. Pornografia violenta não é mais real do que são os filmes terror.

E se as pessoas anti-pornografia estão verdadeiramente preocupadas com a violência e não com o sexo na pornografia, por que é que elas protestam apenas nas lojas de pornografia, na destruição de revistas e lojas de vídeo pornô, ignorando vídeos de terror, os livros e revistas de terror?

Um aspecto de todo o fenômeno da pornografia que muitas vezes é deixado de fora da discussão é o da pornografia homossexual. Grande parte da pornografia produzida hoje mostra os homens que fazem sexo outros homens, e com uma proporção crescente de sexo de mulher com mulher. As pessoas anti-porno tendem a ignorar pornohomoafetivo porque desmente muitos dos seus argumentos. Se as representações de encontros sexuais desiguais entre homens e mulheres são degradantes para as mulheres, por que não são igualmente encontros desiguais entre homens e outros homens (que são muito comuns em todo pornô “macho”, com seus ativos/passivos) degradantes para os homens? E se eles estão degradando aos homens, por que não é tão ofensivo o pornô para os homens, especialmente os homens passivos? E, se há imagens S/M e (fingir) a violência nestes pornôs, por que isso não se traduz em violência

generalizada contra os homens, estupros de homens?

A discussão de tais questões nunca acontece, já que a maioria das pessoas que se opõem pornô hetero não estão dispostas a falar, muito menos criticar, pornô queer porque não querem correr o risco de ser vistas como "homofóbicas" ou de outra forma politicamente incorreta. Isto é devido ao fato de que a pornografia tem sido muitas vezes vista, com razão, como libertador pelos homoafetivos (e, recentemente, também por algumas mulheres homoafetivas), e é uma parte muito mais aberta de vida normal para os homoafetivos do que é na sociedade correta. Devido a isso "politização" do pornô queer, qualquer discussão sobre pornohomoafetivo pelas pessoas anti-pornos, algumas das quais são homens homoafetivos, é susceptível de ser criticada por pessoas adeptas do amor livre como "anti-gay", e, assim, efetivamente suprimida. Isso é lamentável, uma vez que tal discussão iria mostrar as falácias nos argumentos anti-pornografia.

Mesmo que pareça estranho que pessoas adeptas do amor livre e anarquistas considerar ofensivo o pornô, é certamente verdade que as pessoas têm gostos diferentes. Só porque eu gosto de pornografia não significa que você deva. Mas, se alguém encontra algo ofensivo, elas devem simplesmente evitá-lo, e, assim, evitar a ofensa. No entanto as pessoas anti-porno não se contentam com esta estratégia quando se trata de pornografia. Elas sentem que, se o pornô os ofende, deve ofender as outras pessoas, principalmente as mulheres, e assumem a responsabilidade de proteger as outras dessa ameaça. Além disso, uma vez que elas sentem que a forma não-violenta, mulheres relacionadas com homens, toma o rumo do caminho da violência e sexismo, elas sentem que precisam impedir as pessoas de verem o pornô também.

Como afirmado acima, as pessoas antipornos diferem na estratégia que empregam para atingir estes fins. Enquanto aquelas que dependem de discussão e do protesto para influenciar as pessoas em evitarem a pornografia são mais preferíveis do que pessoas censoras, já que suas ideias sobre as pessoas é problemática para aquelas com uma perspectiva anarquista. As pessoas são agentes livres que fazem escolhas e tomam decisões com base no que observa, ouve, e outras experiências, e são responsáveis pelo resultado dessas escolhas. A maneira libertária de lidar com outras agentes livres que optam por ver ou ler os materiais dos quais uma desaprova é deixá-las verem esses livros ou filmes e, em seguida, discutir o material com elas e tentar convencê-las de seu ponto de vista.

Mais desagradável para os anarquistas, no entanto, são a pessoas

ativistas anti-pornografia, que são francamente censoras; ao compartilhar os pontos de vista anti-pornos que procuram proteger as outras do pornô, essas pessoas adiantam o passo e usam a força coercitiva para atingir seus objetivos. Isso é totalmente incompatível com o tipo de sociedade voluntária procurado pela maioria das pessoas anarquistas, e deve ser denunciado por todas as pessoas amantes da liberdade.

Pornografia, como qualquer outra forma de entretenimento pode ser bom ou ruim, com base nos méritos individuais de qualquer obra particular. No entanto, como um gênero de literatura ou cinema, não é melhor ou pior, ou bem ou mal do que qualquer outro. Se a pornografia é ruim ou sexista, a melhor estratégia é criticá-lo e discuti-lo com as outras pessoas, e / ou fazer um bom pornô de amor livre não-sexista, e não suprimi-lo. Sexo e sua representação são uma fonte de prazer para muitas pessoas e a liberdade para viver em ambos deve ser defendida, ou pelo menos tolerada, por pessoas anarquistas. Pessoas censoras, incluindo aquelas que se dizem anarquistas, são pessoas inimigas da liberdade e as pessoas anarquistas que as apoiam colocam em dúvida seu compromisso com uma sociedade livre.

Não, não é natural

Por Artista Anarquista

Um companheiro desenvolveu um esboço muito pertinente que visa a desconstrução do machismo baseando-se em determinados fatos biológicos. Ao final, ele convida todas as pessoas a continuar desenvolvendo estes esboços. Como sou um entusiasta do comportamento humano, do comportamento animal, da biologia e da ciência de modo geral, me senti muito instigado a acrescentar diversos elementos.

Primeiramente, há dois lados em qualquer argumento que compare o "bicho humano" aos demais animais. Um deles foi muito utilizado no nazismo, que visa legitimar todo tipo de opressão, hierarquia, machismo, racismo e valores conservadores com base de "é natural". Por outro lado, temos o argumento mais romântico, de que a natureza é sábia e perfeita, e o problema é a humanidade.

Quero começar desmentindo ambos os argumentos. A natureza não tem uma "moral", e não deve ser levada como exemplo para o desenvolvimento de nossa ética, nem para um lado, nem para o outro. Os animais estupram, matam, torturam e se canibalizam e isso não prova absolutamente nada além do fato de que também estamos sujeitos a cometer tais atrocidades. Isso serve, no máximo, como um alerta para saber que esses impulsos primitivos existem dentro de nós. Dizem que, por exemplo, a guerra é uma maldade exclusivamente humana. O que define a guerra é o fato de um grupo de pessoas matar outro sem um motivo direto, apenas por pertencerem a grupos diferentes. Foi descoberto exatamente o mesmo comportamento em determinadas tribos de

chimpanzés. Eles matam e se odeiam simplesmente por pertencerem a grupos diferentes. Então, nem mesmo o ódio a indivíduos de outros grupos e guerras são exclusividades humanas. Alguns poderiam usar o fato para justificar nacionalismo ou o fascismo por exemplo. "É natural, somos animais". E de fato o nazismo se baseou muito nisto, mas não passa de uma falácia.

Por outro lado, há os puritanos, que veem nos casos de apoio mútuo entre as espécies ou em vídeos de cães salvando seus donos, ou gatos amamentando ratos uma mensagem de bondade, com aquele argumento: "O ser humano é imundo, os animais são perfeitos". Também não passa de uma falácia. A natureza é apenas a natureza, os animais, assim como nós, são suscetíveis a qualquer tipo de comportamento, tanto os que apontamos como moralmente superiores quanto os que apontamos como moralmente questionáveis.

Sabendo disso, vamos voltar ao ponto deste esboço.

Quantas vezes não ouvimos homens justificando seus comportamentos machistas com a desculpa de que é "algo natural". De que somos "todos animais mesmo", então vamos agir feito eles. E quantas vezes não ouvimos o oposto? Pessoas se "distanciando" dos demais animais com a desculpa de que eles são superiores, moralmente perfeitos e nós somos sujos, portanto estupramos, matamos, roubamos, como se o humano não tivesse mesmo salvação. Logo de cara, já podemos descartar a natureza como guia para nossas atitudes morais. Ela pode no máximo nos ajudar a entender, nos explicar determinados comportamentos ("bons" ou "ruins"), mas jamais ser usada para justificar ou nos guiar.

Outro equívoco é o binarismo dos gêneros. Muitos pastores e conservadores de todo tipo utilizam este argumento. Dizendo que, na natureza há o macho e a fêmea. Se há uma coisa fascinante sobre o reino animal, é que não há regras. Divide-se os gêneros entre machos e fêmeas apenas com um intuito de facilitar os estudos, mas este conceito não é, de maneira alguma, absoluto na natureza. Determinadas espécies de peixes, por exemplo, conseguem trocar de gênero ao longo da vida. E os hormônios que atuam para isso são exatamente os mesmos que atuam em nós humanos. Isso sem falar na variação enorme que há entre o "macho" e a "fêmea". Pense nisso como dois extremos de uma gama infinita de cores. O binarismo é burro por isso. Seria como dizer que só há vermelho e violeta e ignorar todo o espectro de cores entre essas duas e ainda as frequências infravermelhas e ultravioletas que não enxergamos, mas nem por isso deixam de existir. Portanto, o binarismo não é natural, é uma invenção

humana, uma racionalização rasa de um fenômeno natural que é infinitamente mais complexo.

Além disso, temos de entender que o fenômeno gênero não é um valor absolutamente biológico e em sua maior parte é uma construção social. Nós, como mamíferos e como primatas, temos uma forte ligação com o valor social, com a cultura (que também não é uma característica exclusiva nossa), portanto, grande parte do que somos vem do aprendizado e da convivência com nossa complexa sociedade. Por isso, é mais do que legítimo que em determinado ponto de nossas vidas, questionemos determinados valores sociais que não estão nos fazendo bem e tentemos mudá-los. Essa negação a cultura é saudável, pois a própria cultura não é algo estático e muda de acordo com os valores das gerações. Precisamos nos adaptar e é burro criar uma cultura baseada em valores que já foram desmentidos pela ciência, como por exemplo, diversos valores religiosos ou que não nos fazem mais bem, a cultura inicialmente serve ao bem-estar das espécies, mas se isso não estiver acontecendo, deve ser modificada, negada, revisada e desconstruída.

Em especial, a cultura ocidental tem se mostrado bem problemática. Por exemplo: É a única cultura que cria suas crianças em carrinhos de bebê, berços e não as carrega na posição vertical, amarradas junto ou corpo. Isso tem desenvolvido crianças sem noção espacial, sem contato humano, valores tão importantes para a sobrevivência, criação de inteligência e raciocínio lógico, inteligência emocional e social. A cultura do individualismo, que diz que se você ficar muito próximo irá "mimar" a criança, que a criança precisa de distância para sentir-se segura, também é uma falha exclusiva da cultura ocidental recente, que tem, na verdade, criado pessoas inseguras, com dificuldade de confiar umas nas outras e extremamente competitivas e egoístas. Enfim, ótimas consumidoras e distantes de uma união contra seus opressores. Um adestramento bem útil ao sistema, mas nada funcional a nós.

Voltando ao machismo. Muitos livros sobre sedução, direcionados ao público masculino e uma ampla gama de mídias exaltam o tão falado "macho alfa". Ser um "macho alfa" seria ser um homem dentro do conjunto de valores que é esperado culturalmente que ele possua para atrair qualquer tipo de mulher que ele desejar. Deste modo, o "macho alfa" não apenas teria o privilégio de ser homem numa sociedade patriarcal, mas também de escolher suas parceiras sexuais e subjugar não apenas as mulheres, mas os demais homens. Todos estes valores são geralmente baseados na "natureza". Compara-se o homem a todo tipo de animal, as

capas de tais livros geralmente tem estampadas figuras emblemáticas de lobos, por exemplo. Defendem que o macho-alfa seria o que qualquer homem busca ser, e que não há nada de errado em subjugar mulheres e outros homens para atingir tal objetivo. Tudo é apenas a "ordem natural" da vida.

É uma ideia extremamente machista, elitista, homofóbica e misógina. Seus entusiastas alegam sua funcionalidade com histórias de superação de timidez, de conquistas sexuais mágicas e ascensão social. De fato há uma cultura machista que privilegia a postura do "macho alfa". Quem nunca conheceu aquele cara que monopoliza a atenção das mulheres e por mais machista que seja, acaba conquistando e agrando? Mas será que esta cultura é mesmo um reflexo natural do ser humano?

Ainda que seja natural, não seria interessante uma desconstrução social neste sentido?

Mais uma vez a ciência possuí ótimas respostas. O lobo, figura de inspiração para esta "filosofia de vida" tosca, não possuiu uma hierarquia tão bem estabelecida como se pensava. A hierarquia das alcateias já se mostrou dúbia quando estas são estudadas em condições diferentes. Até então, as alcateias eram estudadas em ambientes limitados, notou-se que a hierarquia torna-se cada vez mais sutil a medida que os lobos possuem mais liberdade. Portanto, esta figura do lobo alfa cai por terra e só mostra que este tipo de hierarquia se faz necessária em condições adversas para estes animais. Outro ponto interessante é o fato de que nem todos os caninos são patriarcais como os lobos. As hienas, por exemplo, tem seus grupos constituídos de maneira matriarcal. Mais uma vez, colocando o fraco argumento de que é natural que o "macho" domine em xeque.

Outro fato interessante foi estudado em um grupo de babuínos (espécie com uma hierarquia patriarcal extremamente rígida e violenta). Por uma fatalidade, o grupo perdeu todos seus machos alfas. Como eles eram os primeiros a se alimentar, um alimento contaminado por tuberculose acabou matando apenas eles. O que se observou, foi uma qualidade de vida muito melhor para os demais, tanto machos quanto as fêmeas livres da "opressão" dos machos alfas. Inclusive com uma vida sexual mais ativa. Também há espécies de macacos muito semelhantes a nós onde as hierarquias são muito menos rígidas e há uma vida sexual extremamente ativa, sem que o sexo com diversos parceiros seja uma exclusividade do macho, muito menos do macho alfa. Ou seja, tomar o reino animal como base para justificar a existência de um macho alfa é algo totalmente banal, raso e muito longe de ser um fato científico.

Apenas mais uma falácia para justificar os privilégios machistas de uma sociedade forçadamente patriarcal.

No final, somos uma mistura de biologia e cultura, mas acima de tudo, devemos sempre ter em mente que temos a incrível capacidade de mudar e negar qualquer valor que tanto a biologia quanto a cultura mostre como falho. A cultura e a biologia não são absolutas e não devem possuir qualquer autoridade ou justificar qualquer comportamento (ainda que por vezes nos ajudem a entender). Biologia e cultura não devem ser respeitados como deuses, nós podemos escolher nossos próprios caminhos.

Nota 1: Eu apenas reuni fatos, não são opiniões absolutas minhas.

Nota 2: Isto é um esboço que pode e deve continuar se desenvolvendo, nada que eu disse aqui visa ser uma verdade e está aberto a modificação.

Nota 3: Ainda que os fatos que constatei, na maioria dos casos sejam resultados de estudos científicos complexos, a ciência não é imutável nem absoluta.

Errata: Hiena não é canino, nem felino, mas está mais próxima da família felidae (felinos).

Obs: O animal da imagem é um Mandril, ele já foi classificado como babuíno, mas hoje tem sua própria família, a imagem é meramente ilustrativa.

Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero

Republicamos por conta da atualização ocorrida em 13/09/2014 para a Semana da Diversidade da FEA.

Por Juno (original no blog: https://naobinario.wordpress.com)

Sobre esta proposta

(Quando aqui falo do "X", estou falando de construções como "todxs", "meninxs", "queridx", "bonitx". Embora eu vá me focar no X, porque é o mais utilizado, o mesmo vale para outras utilizações como @, *, entre outras.)

Desde que escrevi esse texto, o que faz um bocado de tempo, muitas pessoas reagiram de diversas formas. Uma boa parte, muito apegada à gramática, não gostou nenhum pouco da proposta porque ela realmente propõe alterações que brincam com o que hoje se considera "certo" ou a maneira "adequada" de falar. Obviamente, ao propor novas formas de fazer linguagem uma pessoa estará rompendo com uma determinada norma. Nunca foi minha intenção trabalhar dentro dos limites da gramática normativa.

Entendemos que muitas pessoas simplesmente não querem se dar ao trabalho. Este é um caso para ser julgado entre os indivíduos. Se você não gostaria de fazer um esforço por outra pessoa, é uma questão ética entre você e o restante da sociedade. Muitas vezes na vida tomamos a decisão de

não nos importarmos. Uma pessoa possui certas questões da construção da identidade dela, da forma como ela está tentando se entender, que requerem esforço da parte dos outros. Quando esta solidariedade é suprimida, resta a marginalização daquela pessoa na direção de ter de se guetificar junto com as outras que são como elas, que é o que costuma acontecer com as pessoas trans no geral, seja por não quererem lhes tratar de forma neutra ou por insistirem em dizer ele onde seria ela ou ela onde seria ele.

A linguagem neutra é uma ferramenta para universalizar a possibilidade de superar esta questão de forma que resolva a questão, ela não é uma imposição moral. A imposição moral está nas demandas que fazemos enquanto um povo, e existe hoje a demanda para que as pessoas trans sejam respeitadas e consideradas sujeitos de sua própria liberdade, autonomia e identidade. Muitas pessoas no caminho não irão se dispor a ajudar, e algumas irão se dispor apenas parcialmente. No grosso, é raro que as pessoas se adequem bem à linguagem neutra a não ser que elas consigam entender isto como um exercício calmo, paciente. Isto envolve muitas irritações no processo de aprendizagem porque as pessoas não estão acostumadas a se importar com estas questões.

A linguagem neutra não é um exercício constante, o exercício está em aprendê-la, dispor-se a tentar, e não em exercê-la. A linguagem neutra não é mais difícil do que aprender qualquer outra forma de falar, ela basta ser aprendida, e então poderá ser usada fluentemente. Ela é um conjunto curto e muito rápido de entender, basta desenvolver a prática, o costume. Mas por mais simples e fácil que se torne depois que a pessoa efetivamente tenta, o processo de tentar acompanha um certo desprezo, um certo desdém pela proposta. Nesse sentido a grande maioria das pessoas desistem de serem tratadas de forma neutra. Assim cria-se o conceito da “fase”.

Nós chamamos de “fase” muitas coisas que, através da pressão social, forçamos as pessoas a abandonarem. Por exemplo, uma identidade feminina, que uma pessoa adota, e depois de um tempo volta a apresentar-se da forma como era antes. A isto muitas vezes não se deve simplesmente o fato de “passou” ou “foi uma fase”, mas que foi insuportável tentar, e que foi mais fácil desistir. Nós constantemente desistimos daquilo que queríamos por causa das dificuldades. Não é difícil com pessoas que possuem maiores ambições na construção de suas identidades, que ousam querer ser algo considerado pela maioria como absurdo, irracional, anti-científico.

Eu já pedi às pessoas que me tratassem de forma neutra, depois pedi que o fizessem no feminino, hoje em dia digo-lhes que tanto faz, que façam como preferirem. Acaba que a pessoa não consegue se sentir confortável com nada, e perdura um sentimento constante de alienação em relação ao gênero e todas as suas categorias. O acesso negado a todas elas. A incompatibilidade com qualquer coisa. É um fato de uma sociedade onde nossos potenciais estão extremamente castrados. As pessoas não participam desse sistema por má fé, não negam o tratamento neutro porque querem o pior (ao menos não todas), mas elas acabam executando esta ordem, a ordem de manter as bases do nosso mundo, assim como nós o conhecemos, exatamente como estão.

Para aprender linguagem neutra e usá-la basta querer. Ela é útil por diversos motivos. Se você não gostaria de usá-la, você pode usar o X ou pode falar como preferir. A questão é que neste processo você estará decidindo se afastar de um determinado grupo de pessoas, e que estas pessoas estão extremamente isoladas devido à decisão constante da maioria de fazer isso. Através deste mecanismo não só as pessoas trans estão excluídas, no desemprego, nos modernos circos dos horrores da mídia de massa, mas todo o povo oprimido. Tem a ver com a forma como a cultura e a opressão exercida pelas elites se atravessa e molda nossa visão de mundo. Quanto mais solidariedade, maior será o poder do povo. Venha de onde vier.

Peculiaridades das pessoas não-binárias

Pessoas trans* frequentemente possuem preferências por formas de se falar que estão desalinhadas com aquela designada a elas. Na maioria, mulheres trans* preferirão serem tratadas no feminino, homens trans* no masculino e muitas pessoas não-binárias de forma neutra, ou no masculino ou feminino de forma alinhada ou não à designada a elas no nascimento.

Nos três problemas enumerados acima, podemos notar que as pessoas trans* não-binárias possuem peculiaridades ao lidar com todos eles.

Em (1), não existe uma passabilidade para pessoas não-binárias. Nunca aparentam-se não-binárias porque ninguém jamais presumirá, ao olhar para como se vestem, falam, isto é, “como são” que não são “nenhum dos dois”. Sempre será presumido que uma pessoa é homem ou mulher.

Desta forma, é virtualmente impossível que alguém "acerte" estas marcações, exceto nas raras vezes que o fizerem não porque percebem serem pessoas não-binárias, mas porque não conseguem decidir se as encaixam como homens ou como mulheres. Dessa forma, estarão sempre à margem das soluções que indicam às pessoas que simplesmente "chutem" de acordo com como a pessoa se apresenta.

Desde a publicação deste texto originalmente, foi levantado que algumas pessoas podem ser dar a entender serem não-binárias pela sua aparência. Este entendimento é falso, faz sentido somente ao observador. Androginia não é sinônimo de não-binariedade, uma pessoa cis (que não é trans) pode muito bem ser extremamente andrógina e uma pessoa trans pode muito bem aparentar ser do gênero considerado "oposto" ao dela, bem como pode ser andrógina também.[1]

Em (2), não existe nenhum país no mundo onde pessoas não-binárias possam efetivamente, de forma regulamentada, serem reconhecidas em seus documentos. É muito mais complicado que uma pessoa não-binária consiga ser reconhecida nas burocracias do Estado, das instituições, de universidades, empregos, etc como completamente fora das opções do que como uma delas, ainda que essa posição seja contestada. Frequentemente o caso é não o de quem é expulso de uma categoria, mas o de quem não possui uma categoria.

Algumas pessoas levantaram que há países no mundo onde isto é sim possível. Estou ciente destas notícias e agradeço se alguém quiser encaminhar-me quaisquer novas notícias, mas se você ler o acima disposto verá que não, não há país no mundo onde as pessoas trans não-binárias possam de forma regulamentada e desburocratizada fazer isso. Assim como no Brasil isto não é realidade nem para homens e mulheres trans. Precisar da aprovação de um juiz ou de um parecer médico não é satisfatório.

Em (3), os gêneros das pessoas não-binárias costumam ser muito mais difíceis de explicar às pessoas, de forma que "não ser", "ser nenhum dos dois", ou ser qualquer um deles de forma não-normativa (bigênera, multigênera, pangênera, etc) será algo encarado como uma invenção, uma tolice, etc, porque estas experiências são apagadas, e estão sempre na margem. É certamente mais complicado explicar a alguém que você não é nem homem, nem mulher do que explicar que você é homem ou mulher, apesar de não assim terem te designado no nascimento.

Estas dificuldades demonstram no geral como o sistema está orientado no sentido de preservar uma estrutura rígida, de dois gêneros.

Todas as práticas que retornam a estas afirmações são dificuldades encaradas porque organizamos o mundo ao redor destas duas categorias.

Por todos esses motivos, é importante perceber que construções neutras de gênero são importantes para tornar o mundo mais vivível às pessoas trans* não-binárias, e que elas ocupam um local importante nesta discussão sobre neutralidade e sobre o uso da linguagem demarcada. Em nossos cotidianos, as marcações de gênero e as tentativas de torná-las neutras ou melhores frequentemente falham nesse quesito específico, como em "todas e todos", "homens e mulheres", "senhoras e senhores", "masculino e feminino", "todos/as", "srs(as)" etc.

Se você recebeu esse texto de uma pessoa não-binária que queria que você aprendesse como referir-se a ela: por favor, tenha empatia e não trate isto tudo com leviandade. Isto é importante e são pouquíssimas as pessoas que realmente se importam. Tente ao máximo que conseguir, não se acanhe em parar no meio da frase e pensar ou pedir ajuda, aprenda junto com a pessoa e aos poucos você pegará o costume e falará naturalmente com ela. Não é um bicho de sete cabeças e conjuntamente é possível que consigam aprender cada vez melhor.

Por que abandonar o X?

O X não é acessível para leitores de tela. Pessoas com deficiência visual não conseguirão fazer programas de leitura de tela pronunciarem corretamente o texto.

O X não torna as coisas mais fáceis de entender. Quanto mais simples e direta for a nossa linguagem, melhor poderemos nos fazer entender Quando a intenção é fazer textos fáceis e didáticos, o X pode ser um constante entrave para quem está lendo.

O X não é pronunciável. Nós não podemos, em voz alta, usar o X. Isso é problemático especialmente para pessoas trans* não-binárias, para quem essa vocalidade é necessária no dia-a-dia.

O X não transformará a linguagem. Se o X é restrito à língua escrita, então ele não irá alterar a forma como falamos! Isso significa que ele não influenciará como, no dia-a-dia, nos referimos às pessoas, e que no fim das contas, ele não alterará nem a linguagem escrita, perpetuando-a como binária, e a forma neutra como restrita a determinados contextos "feministas", "lgbt", "trans", "de esquerda".

Como falar de forma neutra sem o uso do X?

Tenha calma e aprenda no processo

Não pense que você vai ler o que está descrito abaixo e pegar o jeito de uma hora para a outra. Conforme você se pegar no meio das frases, conversar com a pessoa, se você e ela se ajudarem, a linguagem neutra vai se tornando hábito. Pense nos exemplos abaixo como formas de começar e de elaborar, e construa a linguagem neutra de forma natural.

Junto com a outra pessoa, vá falando de forma neutra, se deixe corrigir sem estresse quando necessário, e aos poucos aprenderá a falar de forma neutra. É uma questão de prática.

Utilize generosamente termos neutros como "pessoa", "indivíduo", etc. para retirar o gênero marcado diretamente. Coloquialmente, qualquer palavra serve.

Ela partiu > A pessoa partiu / essa pessoa partiu
A casa dela > A casa da pessoa
Todas as presentes > Todas as pessoas presentes
Quantas temos aqui? > Quantas pessoas temos aqui?
As presentes cujas bolsas ficaram no jardim > As pessoas presentes cujas bolsas ficaram no jardim
Boa tarde a todas > Boa tarde a todas as pessoas / boa tarde a vocês / boa tarde
Elas avançaram na competição > As pessoas (ou "estas pessoas") avançaram na competição
Ele nunca vai embora > Essa pessoa nunca vai embora
Sua namorada > A pessoa com quem você namora / A pessoa que namora com você

Minha > A pessoa minha irmã

Minha irmã > A pessoa minha irmã
Tua irmã > A pessoa sua irmã / A pessoa que é sua irmã
Nossa irmã > A pessoa nossa irmã

(Nota: O português provavelmente não oferece uma forma melhor de fazer isso com palavras como a acima. O que podemos fazer é literalmente sugerir a desgenerificação ao propor que "irmã" se refere a "pessoa". Como

a construção não é usual, ela já impõe um motivo.)

Aquelas que ganharam estão liberadas para ir > Quem ganhou pode ir / Aquelas pessoas que ganharam estão liberadas para ir

Ao invés de usar um pronome, repita o nome ou suprima o pronome (melhor)

Ariel estava aqui ontem e desde então ela foi embora > Ariel estava aqui ontem e deste então Ariel foi embora / e desde então foi embora

Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a ela > Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a Ariel / teria lhe dito

A casa dela > A casa de Ariel

O Rio a inspira profissionalmente > O Rio inspira Ariel profissionalmente

Suprima artigos e pronomes desnecessários

A Ariel > Ariel
com a Ariel > com Ariel
Ela partiu > Ariel partiu
Eu fiquei com a Ariel > Eu fiquei com Ariel
Como pintora ela conquistou muito dinheiro > Pintando, conquistou muito dinheiro
Logo ela explicará seus motivos > Logo explicará seus motivos / Logo Ariel explicará seus motivos

Prefira alternativas neutras como “de” (ao invés de da/do) e “lhe” (ao invés de a/o)

da Ariel > de Ariel
Essa carteira é da Ariel > Essa carteira é de Ariel
Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a ela > Se eu quisesse ficar com Ariel, teria lhe dito

A casa da Ariel > A casa de Ariel

Utilizar a voz passiva e o gerúndio, entre outras mudanças, são formas interessantes de desgenerificar. Do manual para uso não-sexista da linguagem:

"S. Semântico: Todos os trabalhadores poderão ir ao jantar com as suas esposas

Alternativa: O pessoal poderá ir ao jantar acompanhado.

S. Semântico: Os estudantes não poderão receber visitas femininas nos dormitórios.

Alternativa: Não se permitem visitas nos dormitórios

[…]

Por exemplo, podemos dizer: O nível de vida em São Paulo é bom

Em lugar de: Os paulistanos têm um bom nível de vida

Podemos dizer: O pessoal docente da Universidade protestou por…

Em lugar de: Os professores da Universidade protestaram por…"

Mude a estrutura dos verbos na frase:

Você é muito requisitada? > Te requisitam muito?
Você está toda molhada > Você se molhou totalmente
Você está cansada? > Você se cansou?

Você é baiana? > Você é da Bahia?
Você está linda > Você está uma pessoa linda / Que lindeza você está / Sua roupa está linda / Seu corpo é lindo
Você está registrada > Eu te registrei / seu registro está feito

Manual para uso não sexista da linguagem

Para uma referência mais extensiva sobre linguagem neutra em português, recomendo o material "Manual para o uso não sexista da linguagem", de Paki Venegas Franco e Julia Pérez Cervera pela UNIFEM. Clique para baixá-lo. O manual deve ser lido com um olhar crítico, possui passagens onde faz abordagens teóricas sobre gênero que talvez não sejam as mais adequadas, mas pragmaticamente falando tem um bocado de

exemplos e dicas úteis.

Notas:

[1]. A variedade de configurações possíveis no fim transforma o próprio conceito de "passabilidade" em algo muito limitado. A questão não é como nos veem, mas principalmente como nos tratam. Configurar-se como sujeito de uma opressão na sociedade não tem a ver simplesmente com te verem de uma determinada forma (como começamos a pensar se nos deixamos levar muito pela política identitária, quer ela se pretenda "feminista radical" ou não), mas como suas condições te forçam e limitam no sentido de como você vai conseguir ser visto. Neste sentido por exemplo a passabilidade muitas vezes é mediada pela classe. As opressões não existem separadamente, os sujeitos não são oprimidos por isto ou por aquilo, os sujeitos são oprimidos porque são entendidos como sujeitos a se oprimir. Delimitar um determinado "motivo" (por exemplo, "ser lido como homem", "ter sido socializado como homem") sem se perguntar sobre o sem-número de outras questões que marginalizam, segregam e matam alguém no máximo será capaz de criar correntes de pensamento e militância política que, fadadas a serem só isto, correntes políticas sectárias, no serão um fardo a ser arrastado por motores mais transformadores que visem realmente enfrentar as formas de marginalização, todas elas, que incidem sobre as pessoas.

Quanto à Violenta Polícia Pacificadora: Uma Carta Aberta a Chris Hedges

David Graeber

(traduzido por ICN)

Lhe escrevo na premissa de que você é uma pessoa bem-intencionada e que deseja o sucesso Occupy Wall Street. Eu também escrevo como alguém que estava profundamente envolvido nas fases iniciais de planejamento Occupy em Nova York. Eu também sou anarquista que participou de muitos Blalcks Blocs. Nunca estive pessoalmente envolvido em atos de destruição de propriedade, mas estive em mais de uma ocasião, em blocos onde ocorreram danos materiais. (Já participei ainda mais blocos que não se envolviam com tais táticas. É uma falácia comum que dizer que todos são Black Blocks. Não são.)

Eu não era o único veterano Black Bloc que participará no planejamento da estratégia inicial para Occupy Wall Street. Na verdade, pessoas anarquistas, como eu, eram o verdadeiro núcleo do grupo que surgiu com a idéia de ocupar Zuccotti Park, o slogan "99%", o processo de Assembléia Geral, e, de fato, que coletivamente decidiu que adotaria uma estratégia de não-violência de Gandhi e evitar atos de danos materiais. Muitos de nós tinhamos tomado parte em Black Blocs. Nós apenas não sentimos que era uma tática adequada para a situação em que estávamos.

É por isso que me sinto compelido a responder à sua afirmação "O Câncer no Occupy". Esta declaração não é apenas factualmente imprecisa,

é literalmente perigosa. Este é o tipo de desinformação que realmente pode levar as pessoas a morte. Na verdade, é muito mais provável disso acontecer, na minha opinião, do que qualquer coisa feita por pessoas adolescentes vestidas de preto atirando pedras.

Deixe-me apresentar alguns fatos iniciais:

1-Black Bloc é uma tática, não um grupo. É uma tática onde ativistas usam máscaras e roupas pretas (originalmente jaquetas de couro na Alemanha, depois, moletons na EUA), como um gesto de anonimato, a solidariedade, e para indicar as outras pessoas que elas estão preparadas, se a situação o exigir, para a ação militante. A própria natureza da tática desmente a acusação de que elas estão tentando seqüestrar o movimento e colocar em perigo as outras pessoas. Uma das idéias de ter um Black Bloc é que todas pessoas que participam de um protesto devam saber onde as pessoas susceptíveis de se envolver em ação militante estão, e, portanto, facilmente ser capaz de evitá-las se é isso que elas querem.

2-Black Blocks não representam qualquer ideológica específica, ou se mantem uma atitude anti-ideológica. Black Blocs tenderam no passado a ser composto principalmente de anarquistas, mas na maioria há participantes cujas política variam do maoísmo à social-democracia. Elas não estão unidas pela ideologia, ou a falta de ideologia, mas apenas por um sentimento comum na criação de um bloco de pessoas com a política explicitamente revolucionárias e prontas para enfrentar as forças da ordem por meio de táticas mais militantes, se necessário, é, por ocasião especial quando eles se reúnem, uma coisa útil para fazer. Segue-se assim que não se pode falar de "Black Bloc anarquistas", como um grupo com uma ideologia identificável, como que se falasse de "simbologias anarquistas" ou de um "ato publico anarquista".

3-Mesmo que você selecione uma pequena minoria, ultra-radical dentro do Black Bloc e fingir que suas opiniões são representativas de qualquer pessoa que já colocou um moletom, você poderia pelo menos se atualizar sobre ele. Foi em 1999 que as pessoas costumavam atribuir ao "Black Bloc" uma composição de seguidores primitivistas niilistas de John Zerzan em oposição a todas as formas de organização. Hoje em dia, a abordagem preferida é fingir ser "Black Bloc" composto de pessoas seguidoras insurrecionais niilistas do *The Invisible Committee*, contrárias de todas as formas de organização. Ambos são calúnias absurdas. Também estão 12 anos fora da data.

4-O seu comentário sobre Black Blocs odiando os zapatistas foi estranho para mim. Claro, se você procurar bem, encontrará alguém para

dizer bem pouco. Mas eu estou supondo que, apesar da diversidade ideológica, se você fez uma pesquisa da média das pessoas participantes do Black Bloc e perguntou qual o movimento politico no mundo que os inspirou a mais, o EZLN iria receber cerca de 80% dos votos. Na verdade, eu estaria disposto a apostar que pelo menos um terço dos participantes da média Black Bloc estão vestindo ou carregando pelo menos um item de Zapatista nas suas parafernálias. (Você realmente falou com alguém que já tenha tomado parte em um Black Bloc? Ou apenas com as pessoas que não gostam do Black Block?).

5-"A diversidade de táticas" não é uma idéia "Black Bloc". Originada no GA Tompkins Square Park, que planejou a ocupação inicial, se me lembro bem, adoptou o princípio da diversidade de táticas (pelo menos foi discutida e amplamente aprovada), ao mesmo tempo, como todos nós também concordamos que uma abordagem apoiada nos conceitos de Gandhi seria o melhor caminho a percorrer. Isso não é uma contradição: "diversidade de táticas" significa deixar esses assuntos pela consciência individual, em vez de impor um único código para todas as pessoas. Em parte, isso ocorre porque a imposição de tal código invariavelmente sai pela culatra. Na prática, isso significa que alguns grupos rompem com indignação e fazem coisas mais controversas do que fariam de outra forma em uma coordenação com qualquer outras pessoas, como aconteceu, por exemplo, em Seattle. Os resultados são geralmente desastrosos. Após o fiasco de Seattle, de assistir a algumas pessoas ativistas entregando ativamente outras pessoas para polícia, rapidamente se decidiu que era necessário assegurar que isso nunca aconteceria de novo. O que nós encontramos se declarou em "Vamos todas pessoas serem solidárias umas com as outras. Nós não vamos entregar pessoas companheiras manifestantes para polícia. Vamos tratá-las como pessoas irmãs. Mas nós esperamos que você faça o mesmo para nós "- então, aquelas que poderiam ser eliminadas para táticas militantes vão agir em solidariedade, bem como, seja por não se envolver em ações de militantes em tudo por medo de pôr em perigo as outras (como em muitos mais tarde ações Justiça Global, onde preto Blocos apenas ajudaram a proteger os bloqueios, ou no Zuccotti Park, onde a maioria das pessoas não fizeram bloco-se em tudo) ou fazê-lo de maneiras que correm o menor risco de pôr em perigo a colegas ativistas.

Tudo isso é secundário. Escrevendo com o objetivo de apelar à consciência. Sua consciência, uma vez que é evidente que você é uma pessoa sincera e bem-intencionada que deseja este movimento tenha

sucesso. Peço-lhe: Por favor, considere o que estou dizendo. Por favor, tenha em mente o que digo e que eu não sou uma pessoa louca niilista, mas como uma pessoa razoável que é (se apenas uma) das autoras originais das estratégias com base em Gandhi OWS (Occupy Wall Street) adotadas -bem como uma pessoa estudante de movimentos sociais, que tem passado muitos anos, tanto em tais movimentos, e na procura de entender sua história e dinâmica.

Eu apelo a você, porque eu realmente acredito que o tipo de declaração que você fez é profundamente perigosa.

A razão de eu dizer isso é porque, quaisquer que sejam suas intenções, é muito difícil de ler a sua declaração como nada além de um apelo à violência. Afinal de contas, o que você está dizendo basicamente sobre o que você chama de “Black Bloc anarquista"?

1)Que não são parte de nós;

2)Que são conscientemente pessoas malévolas em suas intenções;

3)Que são pessoas violentas;

4)Que não possuem bases e fundamentos;

5)Que todas as pessoas são iguais;

6)Que elas querem nos destruir;

7)Que elas são um câncer que precisam ser extirpadas.

Certamente você deve reconhecer, quando isso é colocado para fora desta forma, que este é precisamente o tipo de linguagem e argumento de que, historicamente, tem sido invocado por aquelas pessoas que incentivam um grupo de pessoas para atacar fisicamente, promover limpeza étnica, ou exterminar outras pessoas de fato, o tipo de linguagem e argumento de que quase nunca é invocado em qualquer outra circunstância. Afinal, se um grupo é composto exclusivamente de pessoas fanáticas violentas que não possuem fundamentos, com a intenção de nossa destruição, o que mais podemos realmente fazer? Esta é a linguagem da violência em sua forma mais pura. Muito mais do que "Foda-se a polícia!". Ver este tipo de linguagem utilizada por alguém que afirma falar em nome da não-violência é realmente extraordinário. Eu reconheço que você conseguiu encontrar certos elementos marginais peculiares no anarquismo dizendo algumas coisas muito extremas, o que não é difícil de fazer, especialmente porque essas pessoas são muito mais fáceis de encontrar na internet do que na vida real, mas seria difícil chegar a qualquer "Black Bloc anarquista" e fazer uma declaração tão extrema como esta.

Mesmo que você não tinha a intenção que esta declaração fosse um apelo à violência, o que eu suspeito que você não fez, como você pode honestamente acreditar que muitas pessoas não vão lê-lo como tal?

Na minha experiência, quando eu aponto esse tipo de coisa externamente, a primeira reação que eu normalmente recebo é de pessoas pacifistas que ao longo das linhas de "o que você está falando? É claro que eu não sou a favor de atacar ninguém! Eu sou uma pessoa não-violenta! Estou apenas pedindo não-violentamente confrontar tais pessoas, as excluindo do grupo! ". O problema é que na prática isso quase nunca é o que realmente acontece. Fato após fato, o que na verdade acontecia, na prática ou é a)a indicação colegas ativistas à polícia, ou seja, expondo-as para as pessoas com armas que irão agredir fisicamente, prende-las, e aprisioná-las, ou b) agressão física entre as próprias pessoas ativistas. Essas coisas têm acontecido. Houve agressões físicas por ativistas em outras pessoas ativistas, e, que eu saiba, nunca foram perpetradas por qualquer pessoa no Black Bloc, mas, invariavelmente, por supostas pessoas pacifistas contra aquelas que se atrevem a puxar um capuz sobre a cabeça ou uma bandana em seus rostos ou, simplesmente, contra pessoas anarquistas que adotam táticas alguém ache que está indo longe demais. (Nem vou comentar até mesmo do uso potencialmente de táticas violentas. Durante um período de 15 minutos em Occupy Austin, fui ameaçado primeiro com prisão, em seguida, com a eminência de um ataque fisico, por pessoas companheiras de acampamento, porque eu estava expressando solidariedade verbal, e, em seguida, em pé na resistência passiva ao lado de um pequeno grupo de anarquistas que estavam criando o que foi considerado uma barraca não autorizada).

Esta situação muitas vezes produz ironias extraordinárias. Em Seattle, os únicos casos de agressão física real por manifestantes em outras pessoas que não fossem ataques contra a polícia, uma vez que estes não ocorriam em tudo, foram os ataques de "pessoas pacifistas" nas pessoas Black Blocs envolvidas em atos de danos materiais. Desde que as pessoas Black Blocs haviam concordado coletivamente em uma rígida política de não-violência (o que definiram como nunca fazer nada que possa prejudicar outro ser vivo), elas uniformemente se recusara a contra-atacar. Em muitas ocupações recentes, auto-nomeada "polícia da paz" tenha maltratado ativistas que surgem nas marchas com roupas pretas e moletons, rasgando as máscaras e as removendo, também empurravam e chutavam: na maioria das vezes, sem que as próprias vítimas tenham se engajado em qualquer ato de violência, e se recusavam como vitimas, por

razões morais, em empurrar ou chutar de volta.

Esse tipo de retórica que você está a divulgar e que se tem difundido amplamente, tem garantido este tipo de violência e é muito grave.

Talvez você não acredite em mim, ou não acredita que esses eventos são particularmente importantes. Se assim for, deixe-me colocar o assunto em um contexto histórico mais amplo.

Se eu entendi o seu argumento, ele parece se resumir a isto:

1. OWS foi bem sucedido porque tem seguido uma estratégia com base em Gandhi de mostrar como, mesmo diante de uma oposição estritamente não-violenta, o Estado irá responder com violência ilegal;

2. As pessoas Black Bloc que não agem de acordo com princípios de não-violência de Gandhi estão a destruir o movimento, porque elas fornecem justificativa retroativa para a repressão do Estado, especialmente oos olhos da mídia;

3. Portanto, as pessoas Black Bloc devem de alguma forma, serem erradicadas.

Como uma das pessoas autoras da estratégia de Gandhi original, eu posso recordar, como bem ciente de que estávamos, quando enquadrado nesta estratégia, que estávamos tomando um enorme risco. As estratégias de Gandhi não foram usadas historicamente nos EUA; na verdade, elas não foram realmente trabalhadas em uma grande escala popular desde os movimentos de direitos civis. Isso ocorre porque a mídia dos EUA é em sua constituição incapaz de denunciar de atos de repressão policial como "violência". (Um dos motivos do movimento dos direitos civis terem crescido foi que tantos americanos no passado não viam os estados do sul estadunidenses, como parte do mesmo país). Muitos dos jovens, homens e mulheres que formaram os famosos Black Bloc em Seattle eram de fato eco-ativistas que haviam se envolvido em sentar e se amarrar em árvores, em fechamentos de florestas no melhor estilo e princípios gandhianos, somente para descobrirem que, em os EUA da década de 1990, as pessoas manifestantes não-violentas poderiam ser brutalizadas, torturadas (ter spray de pimenta diretamente esfregados em seus olhos) ou mesmo mortos, sem objeção séria a partir da mídia nacional. Então, as pessoas se voltaram para outras táticas. Sabíamos tudo isso. Decidimos que valia a pena o risco.

No entanto, também estamos conscientes de que, quando a repressão começa, algumas pessoas vão quebrar as fileiras e responder com maior militância. Mesmo que isso não acontece de forma sistemática e organizada, alguns atos violentos ocorrerão. Você escreve que os Black

Blocs quebrou um "café de propriedade local"; eu duvidava que isso tinha ocorrido ao lê-lo, uma vez que a maioria dos Blacks Blocs concordam com uma estrita política de não danificar pequenos negócios locais; mas encontrei na resposta de Susie Cagle para o seu artigo que, na verdade, era uma loja de café de uma grande franquia, e que a destruição da propriedade foi realizada por alguém de fora do Black Bloc. Mas, ainda assim, você está certo: Alguns desses incidentes ocorrerão inevitavelmente.

A questão é saber como se responde.

Se a polícia decidir atacar um grupo de manifestantes, as pessoas policiais vão alegar terem sido provocadas, e os meios de comunicação irão repetir o que quer que a polícia diga, não importa o quão improvável, como os fatos iniciais básicos mostrem o que aconteceu. Isso vai acontecer ou não, mesmo que ninguém no protesto faça nada que possa ser descrito como remotamente violência. Muitas reivindicações policiais serão obviamente ridículas - como na recente marcha Oakland onde a polícia acusou os participantes de atirarem "dispositivos explosivos improvisados", mas não importa quantas vezes a força policial minta sobre tais assuntos, a mídia nacional ainda irá relatar suas reivindicações como verdadeiras, e terá que os manifestantes fornecerem as provas do contrário. Às vezes, com a ajuda das mídias sociais, podemos demonstrar que os ataques de pessoas policiais particulares foram absolutamente injustificados, como aconteceu com o famoso incidente do spray de pimenta de Tony Bologna. Mas não podemos, por definição, provar que todos os ataques da polícia foram injustificados, como em todos os ataques em uma marcha em particular; é simplesmente fisicamente impossível filmar tudo o que acontece a partir de cada possível ângulo todo o tempo. Portanto, podemos esperar que em tudo o que fazemos, a mídia vai obedientemente denunciar "as pessoas manifestantes envolvidas em confrontos com a polícia" em vez de "polícia atacou as pessoas manifestantes não-violentas". Além do mais, quando alguém devolver aos chutes uma bomba de gás lacrimogêneo, ou atirar um molotov, ou até mesmo pichar algo, podemos supor que ato será utilizado como justificativa retroativa por qualquer violência policial que ocorreu antes dessa reação.

Tudo isso acontecerá tendo Black Bloc ou não.

Se a questão moral é "a defesa de ameaças e danos físicos daquelas pessoas que não fazem mal diretamente as outras pessoas", pode-se dizer, pois, que a questão é táctica pragmática, "mesmo que fosse de alguma

forma possível criar uma polícia pacificadora capaz de impedir qualquer ato que poderia de alguma forma interpretado como "violentos" pela mídia corporativa, por qualquer pessoa em ou perto de um protesto, não importa qual a provocação, ela teria qualquer efeito significativo? "ou seja, teria que criar uma situação em que a polícia estaria entre as pessoas, mas não poderiam usar de força arbitrária contra as pessoas manifestantes não-violentas? Á exemplo de Zuccotti Park, onde obtivemos a não-violência bastante consistente, sugere que isto é profundamente improvável. E talvez o mais importante em tudo, mesmo que fosse de alguma forma possível a criação de uma espécie de polícia pacificadora que impeça qualquer pessoa sob ataque de gás, jogar um molotov, para que pudéssemos legitimamente afirmar que ninguém tinha feito nada para justificar esse tipo de ataque que a polícia rotineiramente prática e seria pouca coisa melhor a cobertura da mídia, mas por isso, valeria a pena o custo de perda de liberdade e democracia que se seguiria inevitavelmente com a criação de uma força policial interna?

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net